

ROGÉRIO BESSA

José Rogério Fontenele Bessa: Redenção, 15.09.1942.

Doutor em Letras pela UFRJ (1988). Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Especialização em Linguística (NUPEL), Coordenador do Projeto "Atlas Lingüístico do Estado do Ceará", Professor do Departamento de Letras Vernáculas da UFC.

Membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

DO AUTOR

Poesia em 2 tempos. Fortaleza: SIN edições, 1968.

Praxiscópio. Fortaleza: Foto Flash, 1969.

Sinantologia. Fortaleza: Sin, 1968. [Colaboração]

INÉDITOS

Crer Diário (poemas)

Redescoberta de Orfeu (poemas) Menção honrosa - Prêmio Fernando Chinaglia/UBE - 1977.

Memórias da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (poemas).

SOBRE O AUTOR

AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, p. 557-9.

BARROSO, Antônio Girão. Mini "Sinantologia 2"(9). *Correio do Ceará*. "O Livro & Você", Fortaleza, 15.6.68.

BENEVIDES, Artur Eduardo. Dois poetas cearenses. *O Povo*, Fortaleza, 9.6.68.

LYRA, Pedro. *Poesia cearense e realidade atual: ensaio de crítica literária*. Petrópolis: Vozes; Fortaleza, Fundação Educacional Edson Queiroz, 1975, p. 71-76.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. rev. aum. e atual. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 109.

OLIVEIRA, Eusélio. Praxiscópio. *Unitário*, Fortaleza, 4.1.70. Prefácio.

POEMAS DOS MEUS SAPATOS MARRONS (NOVAMENTE ENGRAXADOS)

Um par de sapatos, que vida não leva!

Ontem, o meu cartou alto:
pisou casa de menina lorde
foi acariciado com o mimo
vermelho do tapete.

Inda me lembro como anoitecera
rabujento anteontem.
De manhã, antes de sairmos
lavei-lhe a cara com a escova.

Hoje, foi um dos seus dias mais tristes:
meteu-se numa poça d'água sem querer
pisou uma rã morta
e estalou uma barata.

SONETO DA AMADA

vou perdido e achado em ti
em tempo partida do mundo sem tempo
tempo de omissão de todos os cuidados
para o mundo da tua presença

vou achado e perdido em ti
duas vidas solam um só tempo
vida de mãos dadas
de morno amor de seios

vou perdido e achado em ti
dormindo no sem tempo
à sombra do eterno

vou durmo esqueço à sombra em ti
a árvore-de-natal está linda
perdido e achado caminho e não ando.

ELEGIA DO COENTRO

o canteiro não o faz mais verde
namoram-lhe as sementes os pássaros
cuidado de mulher o ajeita
do vento que o entortou

vegetal de vida útil e breve
que nasce verde e verde morre
não lhe será longa a vida
as folhas amarelecendo

coentro, tempero de alguns
destempero de si próprio
utilidade verde da vida
brevidade verde de si mesmo.

POEMA DO BOM PASTOR

cruzeiro luminoso não feito de acrílico
apagando e acendendo no céu
navegante de mil viagens
inventor ousado do esputinique
jato supereternidade
comedor de distâncias de ontem a hoje

o Bom Pastor apascenta seus rebanhos de nuvens
o Bom Pastor, chefe do setor administrativo
apascenta rebanhos de lã
seus rebanhos pastam chuva e eternidade

Bom Pastor de olhos de estrela
cravejado de estrelas em disposição de cruz
Bom Pastor capitão de fragata
Bom Pastor amansador de pirata
salvador de mil naufrágios

Bom Pastor marinho antigo
carpinteiro de mil barcas
pregadas nas pontinhas com as tachinhas das estrelas

Bom Pastor olhar de neve
cabelos de espiga dourados
cajado de feixe de trigo
reluzindo ao sol da graça

Bom Pastor de dedos vertendo cintilações
Bom Pastor de olhar de neve
tange essas barcas de leve
para o ancoradouro de Paz e Eternidade.

(Poesia em 2 tempos)

práxis ópio
não vão
contra
ópio
pro
copo
práxis copa
ca
banha
práxis copo
e
o
encorpado
copo
de
banda

no fábrica o fabrico
do canto
chão
falena
não
circunda
áureo e elo
sua
lâmpada
alvo elo sem favo
alvo favo
almo fado

favo
de
ilha
favela
favo elo sem alvo
elo
alvo elo
ela
favo
ilha
favila

(*Praxiscópio*)

REDESCOBERTA DE ORFEU

ou

O MUNDO NUNCA ENCONTRADO

DO CANTO I: PRÓLOGO MENOS

lhe envio meu canto órfico
com o encanto de meu povo,
fala a lira em lira mor,
diz de orfeu o seu encanto.

sede e fome fomentaram
sua música, seu ritmo,
a queimar-lhe o sol a pele,
nasceu-lhe a redescoberta.

grande estalo resultou
num mundo nunca encontrado
e embora o canto doesse,
entremente não choveu.

DO CANTO II: A SAÍDA DO POEMA: *FUGA E DESPEDIDA DAS MELOMANIAS ANTIÓRFICAS*

essa coita que me invade,
gran coyta que d'amor ey,
foi a que, vivendo El-Rey,
experimentou Guilhade.

os olhos verdes d'amiga
me fazem ora pensar:
se azuis não eram, cantiga
só, quem dela saberá!

sei que cantiga d'amigo
decanta os olhos d'algém
do hoje outrora que consigo
lembrar por mal e por bem.

DO CANTO III:

**ONOMATOPÉIA E CIBERNÉTICA; ORBITAS DO HOMEM:
*SUA AURORA E SEU OCASO***

no princípio, não era o homem,
antes sonossexo, depois vigília,
o não-sono das coisas.

madrugada sono e sonho
com a descoberta de si,
fecha-se ao vir das sombras

e se despe homem vassalo
de sua mesma contextura
qual ode passada a limpo.

DO CANTO IV:

A RETIRADA:

ANTIMITOS LUA E A VIAGEM AO (IM)POSSÍVEL

gracilianos entre ramos
mortos e rumos épicos
deparar é o que vamos;

fabianos sem vitórias
régias ao mor março tépidos
entre telúricas glórias;

todos seres patagônias
à procura de pasárgadas,
sonhos leves, amazônias.

DO CANTO V:
**VIAGEM DENTRO E AO REDOR DE UM CANTEIRO/
SEUS PRONOMES RELATIVOS OU PASSEIO NO QUINTAL:
ANTILHAS**

tem de seu a vegetal baga,
de gente, essa servilidade
e em todas as prestações úteis,
o querer-ser e ser o que é.

em forma de glândula e pêlo,
a angústia sai pelas folhas
e a tristeza de coisa estampa
a palidez de suas flores.

na maturidade, enrubece
a agridoce ovóide baga;
na substância de polpa aquosa;
tenção de não-servir contente.

DO CANTO VI:
**AO REDOR DO HOMEM:
*A ILHA BUSCA DA SÍNTESE, SUA DIALÉTIC***

diariamente o homem
caminha para a certeza,
quando eventualidades
não o tomem de surpresa.

homem que faz da vida
o seu surreal panar
não se nutre de ambrosia,
mas de carrapicho e urtiga.

o homem vive a sua viagem,
faz seu sonho desilusão,
melodia suas exéquias
na ânsia busca de pão.

DO CANTO VII:
VIAGEM DE RETORNO E REENCONTRO DE SI, SEU LENITIVO:
A CILADA

o mar ruge assombroso,
o marujo rege o leme
e a estória do caramujo
semelha amor desses mares,

esses mares com seus homens,
esses homens caravelas
dizem desse amor de nada
com arestas sem avenas.

amor desconhece cláusulas
e cláusulas são clausuras,
que acerbam agudas arestas
no nascente amor de tudo.

DO CANTO VIII:
O CABO DAS TORMENTAS:
MINÚSCULOS ADAMASTORES E UM MUNDO COBERTO DE PÓ

nesses olhos me revejo
na eterna insônia das noites,
giz me descreve letárgico
mundo coberto de pó.

povoe-me sonhos em sono,
mas não constitua herança,
pavana, espelho ou ocaso
aos olhos dessa criança.

momentos tredos e ledos
apascentam o giz nutriz
que me seduz como fora
trevo enredo ou flor-de-lis.

DO CANTO IX:
O MUNDO ENCONTRADO:
INÉRCIA CALADA E MUDEZ FALANTE DO SOL

no impacto do cacto intacto,
o olho de intáctil tacto,
viaduto da em sol ação;

no pacto do cacto intacto,
o sol de olho por olho
no tacto incacto da mão.

no pacto, o cacto e o tacto
contrátil do contratante,
chão por chantão malsão.

**DO CANTO X:
PÓS-LEGÔMENOS**

lúcida, a procura, mas não há cura,
meus olhos cansaram desses desvaios.
em meu rosto, marcas de descaminhos,
procura não-achada e gran pesar.

na saída do poema, a saída,
mais saída que a cura procurada;
a saída não será volta ao poema,
mas retorno ao ponto de retirada.

e assim, não haverá saída até
desfazer-se este périplo terrestre,
que é um círculo estabelecido,
por que dele não haja como sair.

(Inédito)

**MEMÓRIAS DA CIDADE
DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO**

uma cidade aos pedaços:
um trecho aqui, outro lá,
impossíveis de mapear
na memória adventícia.

uma cidade aos pedaços:
viadutos estendidos,
curvos e bem retesados
e suspensos sobre rios

invisíveis, que desembocam
em nada, mas que vez por outra
dão com túneis que os engolem
na embocadura dos morros.

uma cidade debrum:
maritimamente orlada,
Flamengo, Botafogo etc.
imbricando-se em toda a volta.

impossível saber de cor
essa estranha geografia,
cujos pedaços só os mapas
seguramente memorizam.

* * *

Cecília e a Sala amarela
no Largo da Lapa,
porque ninguém mais que ela
foi tão mar e tão meireles.

Não obstante Cecília,
esse nome contradiz
a verdade etimológica,
pois ninguém tanto mais viu.

Cecília, mar e meireles,
quem hoje passa e não te vê,
também a sala vazia
não vê, aberta em teu nome.

* * *

Ah! Quanta barata incauta na mira de meus sapatos!
Lá sois grandes, mas pascóvias, porque fáceis de acertar.
Viveis do alento do nosso subdesenvolvimento.
Cuidado com os sapatos sem cor e inseticidas
nas solas envernizadas de vossos costados alados.

E vós, baratas miúdas deste Rio de Janeiro,
que fazeis na superfície do solo civilizado?
Por que meteis pelas mãos os pés de vosso destino
e viveis na marginália do dito ciclo biológico?
Cá não tendes a grandeza das baratas do Nordeste,
mas, em vossa miudeza, trazeis lição de progresso.

De onde vindes? Quantas sois? Por que deixais o esconderijo
do esgoto metropolitano para a luz dos claros sóis?
Por que vos fazeis às vistas de nativos e turistas,
obscurecendo a imagem da Cidade em sua paisagem?

Olho. Nada vejo além de caixas enormes
de orifícios retangulares propositadamente simétricos.
Um céu que ora esclarece o nada construído,
ora anoitece o dia em plena luz do sol.

À noite, as caixas se revestem de um dia de festa.
Há pisca-piscas, relâmpagos entre os caixas,
e britadeiras cortando um silêncio de concreto,
quando vivalmas se deitam e fingem dormir.

Respeite o metrô,
que a obra é humana, mas o projeto, divino.
O metropolitano levanta a poeira,
mas o carioca dá a volta por cima.

Pede-se tolerância aos metrosuários,
que não haverá pó sob poeira,
quando o metropolitano começar a correr
nos bueiros do Rio de Janeiro.

* * *

Isso ainda vai ao Deus-dará,
que nada tem a ver com ela:
pó eira e beira do sem-jeito!

Ainda bem que o Cristo-Redentor
não está de braços cruzados
a ver longes navios ao largo.

No dia em que os braços cruzar,
meu Deus, não sei o que será.

* * *

Apesar do humano pedra,
amo a Cidade e sua História,
as palmeiras arranha-céus,
seus largos com suas igrejas.

E apesar de havê-la deixado
mais rasa do que o próprio chão,
também amo o perdido e achado,
provisoriamente maisão.

Amo-lhe o solo e subsolo,
amando-lhe esse metrô,
pois quem e o que tatu nasceu
morre cavando e me consolo.

(Inédito)

CRER DIÁRIO

PRÓLOGO MENOS:

3

o que o CRER DIÁRIO diz
o CREDIÁRIO não faz

no CRER: a cara do CREDOR
no CRÉDULO: A DO CREDULIÁRIO

no CREDIÁRIO: o perdulário
no CRER DIÁRIO: o escapulário.

ARTIMANHA CALENDÁRIA

4

quanto mais terno o mês
mais terno o coração do freguês

quanto mais terno o freguês
mais materno é o mês

mais mês menos mês mais materna a vez
e o freguês ao olhar do credor mais terno.

5

o cliente nefelibata:
o crer ente do ter sem ser
a cliência ônus-ciente
e o CRER/SER
da onisciência credora

o conceituário menstrual
e a cada mês
o ovo de Colombo

no lombo do otário
o ovo sobre o biombo
e o vôo de Colombo.

CIRANDA DA VIDA

10

faz da forma o formão
pinta / carpe a empreita

faz da lima o limão
firma / malha / corre ponto

faz da liça a lição
logra / liga a espreita

faz do fuso a fusão
quinas / cana / fusa fuzuê
e a gana de ensinar

faz do fogo o fogão
bota / joga / faz o jogo
e o bota-tira botijão

faz da fila o filão
fila / finta / dribla o jogo
o dia crê e tenta ação.

HORA DA MORTE

7

a coisa:	a casa:
a luta contra o caso	o dobro do pensar
o ocaso:	o caso:

cada coisa em seu lugar a dobra do penso lar
o acaso: a casa
a coisa em sua casa o cobro do comprar

o quase:
o qual dobro penso ar
o caso:
o qualquer logro pendular
o quase:
o modo loquaz a par
o caso:
o quasimodo sem modo.

HORA DA MORTE

9

ao largo: o trans & o transe
ao longo: o cis & o trânsito

no trans: o sonho oficial
no cis: o sono officioso

ao largo: a cidade sonho e elite
ao longo: a vida poliomielite.

10

no passo da valsa
a salsa do rosário

a cada conta o passo
da alta e seu compasso

useira vezeira e vesga
a alta e sua nesga
no olho morto e absorto)

(Inédito)